

DF - Brasília

Um sonho de cidade

O poeta Nicolas Behr volta
depois de 13 anos de silêncio
e homenageia Brasília

Imagine Brasília sem o Poder. Conseguir? Vamos lá: palácios e ministérios transformados, "a bem do serviço público", em museus, mas museus mesmo, casas onde não se entra sem calçar aquelas pantufas que, sob os sapatos, protegem o assoalho. Brasília para quem mora e gosta dela.

Fantasia, se for capaz, que a meia dúzia de intelectuais cariocas interessados em levar a capital de volta ao Rio encontra um aliado na figura de um brasileiro acima de qualquer suspeita. Cidadão cuja plataforma de campanha para deputado distrital poderia ser "a da Rodoviária". Veja você: o brasileiro existe, escreve poesia, gosta de plantas, chama-se Nicolas Behr e uma de suas qualidades é a de não se levar a sério demais, talento que falta aos intelectuais cariocas e à grossa maioria dos políticos.

A Brasília concebida por Behr, poeta famoso no final dos anos 70 por seus livrinhos mimeografados e sua atitude desabusada, escreve-se *Brasília*, com x. E cabe dentro de um volume com 60 poemas, na maioria textos curtos, a que Nicolas deu o nome de *Por Que Construí Brasília*. O poeta lança o livro hoje, na Galeria do Teatro Dulcina (Conic), a partir das 19h, com a cumplicidade do grupo musical Liga Tripa. Detalhes: diz sorrindo que será "o lançamento literário do ano", a edição tem tiragem limitada e, pior, os 400 exemplares estarão à venda apenas na hora e local marcados. Adiante-se: Nicolas, sumido há 13 anos, pode voltar a desaparecer por mais 13.

Chá com Porrada — Não se espere uma exposição de motivos, como a dos administradores e políticos, de *Por Que Construí Brasília*. Não é nunca. São flagrantes líricos, de acordo com o que a reportagem pôde apurar em meio a brumas e mistérios. Na verdade, trata-se de um lançamento cercado por procedimentos intrigantes: o livro, avisa-se, só sairá da gráfica meia hora antes do lançamento. O transporte até a Galeria do Teatro vai-se fazer em veículo desconhecido. O livro chegará disfarçado ao Conic e o próprio autor só será reconhecido por usar capuz.

São brincadeiras ao estilo de alguém que, como poeta, se definiu pelos versos curtos, enfáticos, assim como "pela atitude": um pacote que incluía o poema, o modo de imprimi-lo, de divulgá-lo e, afinal, a própria presença física do poeta. Foram 17 pequenas obras postas na rua entre 1977 e 1980. Hoje com 35 anos, Nicolas avalia: "Acho que me expus demais". Outros fizeram o mesmo, na mesma época. O movimento, conhecido como poesia alternativa ou marginal, para alguns simplesmente poesia anos 70, teve pioneiros nos cariocas do grupo Nuvem Cigana, entre eles Chacal e Charles.

Com seus produtos, o poeta não faltava a estréias de teatro e música. Vendia seus livros como água, inclusive em bares. *Iogurte com Farinha*, o primeiro dos 17, teve diversas edições, sempre caseiras e mimeografadas, feitas pelo próprio



poeta, e atingiu a cifra dos oito mil exemplares. "Meu best seller", gaba-se Nicolas.

Iogurte com Farinha possuía esse nome por pretender falar, à base do poema-piada e do poema-minuto praticados pelos modernistas já em 1922, do arcaico e do moderno superpostos no Brasil. Luxo e miséria. "Os modernistas fizeram o poema-piada com graça. Nós o fazíamos com raiva", compara. Rodando seus livrinhos, o poeta, à época muito jovem e morando com a família, ganhava seu troco: "Vivi disso um tempo".

Podem ser citados, além do *Iogurte*, *Caroço de Goiaba*, *Grande Circular*, *Bagaço*, *Chá com Porrada*. Este último livrinho (o diminutivo é usado pelo próprio Nicolas) traria alguns probleminhas ao poeta.

Averiguações — A polícia, baseada em falsos silogismos, acabou chegando ao poeta, o que é uma glória para a polícia. Corria o ano de 1978. Estudantes publicavam panfletos em plena era Azevedo, o reitor da Universidade de Brasília imortalizado pela truculência com que *resolvia* os problemas políticos na instituição. Muito bom, muito bem. Não se sabia onde eram impressos os panfletos. Como Nicolas imprimia e montava, em casa, seus livros irreverentes, os policiais concluíram ser ele o responsável pelos panfletos estudantis. O fato é que, pretextos à parte, foram bater à sua porta.

Não era exatamente Chapeuzinho Vermelho quem fazia toc-toc, mas o Lobo Mau. Uma mulher que trabalhava num apartamento próximo ao de Nicolas comentou, quando viu chegarem os samangos: "Sabia que ia dar encrenca". Talvez a moça não tenha falado nessa linguagem de filme dublado, mas disse algo parecido.

Tinha razão. Encrenca. O jovem Nicolas foi "detido para averiguações". Ele se atrevera a pôr no papel algumas idéias incômodas. Por exemplo, sempre em letras minúsculas, escrevia: "Os três poderes são um só: o deles". Ou: "Vamos brincar/de descobrir o brasil? e se os portugueses chegarem?" Ou ainda: "O colírio/que pingaram/nos meus olhos/era ácido". Os textos às vezes doíam mais do que faziam rir. Nicolas, segundo a lenda, sofreu um processo, de que foi obviamente absolvido.

Dendrologia — O poeta faz a sua autocrítica, dizendo que muito de sua poesia era "infantil, banal, desnecessário, gratuito". Ocorre que, como ele mesmo admite, "30 por cento" se salvaram. Constan de uma edição que o Senado hoje omite de seu catálogo, antologia publicada pela gráfica daquela Casa com o nome de *Restos Mortais*, depois mudado para *Restos Vítas*, no começo dos anos 80. Os "30 por cento" hoje dão base ao retorno do poeta — mais maduro, sem perder a irreverência.

Nicolas, a partir de 1980, seria publicitário, depois estúdio de técnicas de captação de recursos (nos Estados Unidos), técnicas aplicadas em favor de entidades brasileiras não-governamentais de defesa do ambiente como a Move e a Funatura, que ajudou a criar.

O poeta trabalha com plantas (tem um viveiro de mudas) e conhece "95 por cento das árvores nativas e exóticas do DF". É um autodidata em dendrologia, o estudo das árvores. Como tal, sabe que Brasília nasceu sob o signo da pressa e da insensibilidade também. O cerrado foi tratado como simples mato ou, pior, selva de ervas daninhas — e derrubado burramente. Mais grave que o corte indiscriminado, diz o realista Behr, é a não-reposição dos indivíduos e espécies abatidos. Tem vontade de colar às árvores a placa "ajude-se a sobreviver".

Mas poesia e ecologia são áreas distintas de atuação, para Nicolas, que prefere não misturá-las. Ele define sua arte de poeta como "existencialismo exacerbado e posto a público". "É impossível não se expor num poema", diz, descartando os formalismos frios. Seu projeto de candidatar-se a uma vaga na Câmara Legislativa não tem apenas tons de humor, pois sabe que "a agricultura orgânica, a agroindústria, as indústrias não-poluíntes" devem ser o caminho para o DF (e o mundo) nas próximas décadas. Papo sério.

■ Fernando Marques

Por Que Construí Brasília — Livro de poemas de Nicolas Behr. Lançamento hoje, às 19h, na Galeria do Teatro Dulcina (Conic). Participação do grupo Liga Tripa.

Inovação

Cinema Voador decola e leva filmes para a rua

José Damata estréia o
projeto com show de rock

O Cine Brasília perdeu um grande programador, mas, em compensação, Brasília ganhou um agitador de primeira qualidade, que de saída promete inovar em termos de exibição cinematográfica na cidade. É José Damata, que após passar oito anos fazendo as delícias dos cinefilos que transformaram o tradicional cinema em seu ponto de encontro, pegou o boné da Fundação Cultural e resolveu cuidar de seus sonhos.

O primeiro deles é o Cinema Voador, único no Brasil a ter uma cabine móvel equipada com projetos de 35 milímetros com lâmpada Xenon e som de alto nível. "Quando eu idealizei o Cinema Voador, pensei em três figuras da área cultural brasileira, sem as quais eu não teria nenhum sentido: Fernando Lemos, Tetê Catalão e Maria Luiza Dornas", confessa Damata. Com o apoio do secretário de Cultura, Esporte e Turismo, juntamente com o do assessor especial e da diretora-executiva da Fundação Cultural, Damata pretende alçar altos vãos.

Mas os "fronts" de Damata são muitos, e um deles, que vai deixar os cinefilos ansiosos, é a perspectiva do agitador passar a programar os cinemas da Rede Karim. Atualmente, estão em atividade os Cines Karim, da 110/111 Sul, e Márcia, do Conjunto Nacional. Há também a Sala Miguel Nabut, no Centro Conic, temporariamente fechado. "A idéia é ajudar a dinamizar mais as salas do Karim e fazer com que as outras voltem a funcionar", diz ele, animado.

Credibilidade — A empoção de Damata com a possibilidade de vir a trabalhar com Karim Nabut tem procedência, pois, segundo o programador, "ele é uma das pessoas que têm mais crédito entre as distribuidoras do Brasil". Damata se recorda de uma vez, no ano de 1978, quando Glauber Rocha esteve em Brasília para preparar uma retrospectiva de sua obra: "O Glauber não procurou a Fundação Cultural não. Ele foi direto ao Karim Nabut, recomendado pelo ci-

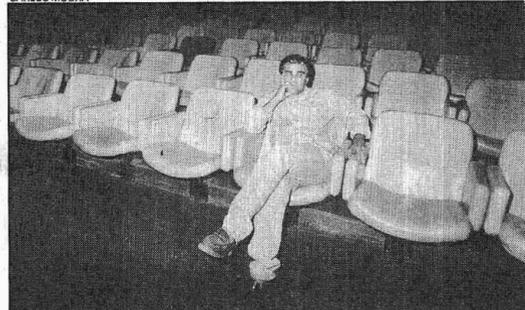
neasta Zelito Vianna e por um dos maiores distribuidores da época, o Lívio Bruni".

Com a credibilidade de Karim Nabut, a estrutura de sua rede, os mais de 300 títulos importantes do Centro de Cultura Cinematográfica, entre reprises e inéditos, e mais a visão do Damata, é claro que os apreciadores do cinema de arte têm motivos de sobra para já irem fazendo planos de bons programas culturais. Quem sabe até sonhar com a reabilitação total do Conic, que passa por um processo de dinamização cultural, incluindo a abertura de bares como o Café Belas Artes, situado no triângulo entre o Teatro Dulcina, livrarias e a sala Miguel Nabut.

Damata é dono do maior número de contatos com os colecionadores de filmes do País em Brasília, e pretende lançar mão desse recurso para agitar a programação cinematográfica da cidade. "O Cine Brasília ficou pequeno demais para mim", comenta o programador, avisando, porém, que os frequentadores do cinema da Cultura Inglesa podem ficar tranquilos, pois o Centro de Cultura Cinematográfica continuará exibindo seus biscoitos de fina massa por lá.

Decolagem — A menina dos olhos de Damata, por enquanto, é o Cinema Voador, que já tem até o local marcado para sua primeira "decolagem": a tradicionalíssima Rua do Beirute, na 109 Sul. "Logo depois da Semana Santa nós vamos exibir *Monterey Pop*. Um documentário musical que influenciou filmes como *Woodstock* e todos os outros que se seguiram", anuncia Damata. Para os "grunginhos", em *Monterey Pop* há as duas históricas performances de Janis Joplin cantando *Ball and Chain* e Jimi Hendrix incendiando sua guitarra, cenas que enlouqueceram muitos hoje assíduos frequentadores do Beirute e arredores.

CARLOS MOURA



Damata poderá programar salas da Rede Karim

Mas o Cinema Voador, como o próprio nome diz, irá a todas as cidades-satélites e outras cidades do País. Paracatu (MG) e Barreiras (BA) são dois dos privilegiados municípios que conhecerão esse projeto conjunto de Damata e a empresa mineira Incol. "O secretário de Cultura sempre teve uma preocupação muito grande com a falta de opção em termos de cinema nas cidades-satélites, com o Cinema Voador, nós poderemos levar os filmes a todas elas", conclui Damata.

■ Hélio Franco